

Pontofervura

Partidas movimentam Ana Johann

| (<https://pontofervura.wordpress.com/sobre/>) DIOGO MENDES |
(<https://pontofervura.wordpress.com/sobre/>)([@diogmends](https://twitter.com/diogmends))(<https://twitter.com/diogmends>)



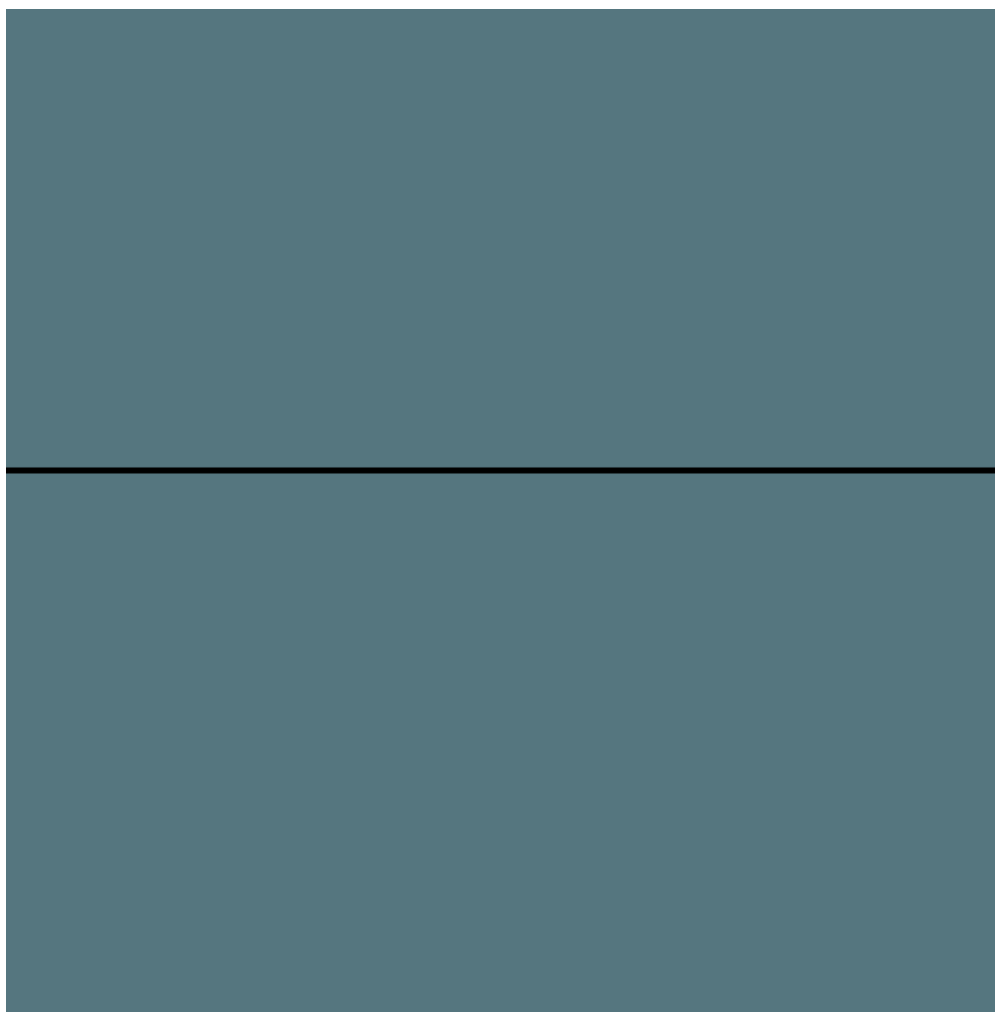
Arte: Jeferson Lorenzato

É ainda tabu qualquer formato de separação. Desprender de hábitos, círculo de convívio, tipos de pensamentos e relacionamento – talvez, porque de alguma maneira traga elementos variáveis, o ato de mudar em princípio retira mais do que concede.

O documentário **O Que Nos Olha (2017)** de Ana Johann amplia por meio do término da relação, os acabamentos a medida que a vida decorre as pessoas separam de alguém, algo ou circunstância. Concede e retira, da própria intimidade quando se coloca como agente do enredo.

Dividindo entre as facetas de roteirista, dramaturga e cineasta, Ana Johan tem bagagem cinematográfica de mais de uma década. Desde *De Tempos em Tempos* (2007), *Abaixo do Céu*, (2009), *Um filme para Dirceu* (2012), *Notícias da Rainha* (2013) e *Você Ainda Não Está Morta* (2016).

As metáforas visuais saltam com narração por Ana Johann em **O Que Nos Olha**. Personagem própria revela o animal de estimação desamparado, a ponte que ligava uma região da terra natal, alguns entrevistados são dispostos perante espelhos, capitados de frente e outros de lado.



Arte: Jeferson Lorenzato

Curitiba, estado do Paraná, em poucos frames aponta para situar a figura central que busca equilíbrio consigo e peretuas separações. Existe a necessidade de volta para Cruz Machado, apesar das ruas curitibanas e passagem por Barcelona/ Espanha, raízes chamavam.

Inclusive pela própria família, a separação de Marco era difícil de ser assimilada. De repente, a locação vai trazendo aproximações e distâncias para a personagem, por consequência conhecimento de si mesma, entre conversas com parentes e conhecidos, cartazes avisam.

Qualquer fração de resposta, naquele momento não obtia, indicando o processo de perguntas da cineasta em relação aos demais participantes do documentário. O questionamento sai da esfera pessoal, por meio das recordações e construções derrubadas.

Erguidas as interrogações, Ketlyn Kovalczuk explana certezas contra uma possível união, e dedicar a carreira, permanecendo implícita a necessidade de mudança. O amor do morador, Arian Borges é cifrado tendo materialização em um chaveiro por cima do computador.

A Silvana de Lima, benzedeira conta como herdou seu dom, da mesma forma sobre seus namoros, também transfigura a saudade em um objeto. O fotógrafo local, Edwin Otto aparece com uma câmera antiga, ora velha testemunhado algo que o choca embora décadas.

Botões de roupas colecionados por Terezinha Wrubleski, proprietária da antiga moradia que são registrados os depoimentos, ilustram assentada comoção. Casa que ademais, foi demolida com o fim das gravações – cada uma das cenas transmite a sensação de mudança.

O depoimento de Claudionor Pereira de Azevedo prédica inclinação às artes da pintura até literatura. Seu não desenvolvimento, entretanto dessas habilidades por auto comodidade, da família, do casamento: o documentário sem pretender espécie de garantia, justo assim marca.

~ ASSISTA:

Uma pessoa desconhecida espalha veneno em uma plantação, a filmagem se impõe e conserva em aguçar perguntas. Mudanças que acarretam incômodos e ao mesmo tempo são necessárias para se chegar, ou no caso a tentativa de partir para algo, alguém, ora inevitável, a si.

Partidas movimentam Ana Johann em narrativa visual que com disposição avoluma olhares das separações. Olha longe, olhando perto, influi perguntas, influenciando questões, movimentando o cotidiano, movimentando a perda, parte recordações, partindo movimentos para consigo em completa neblina.

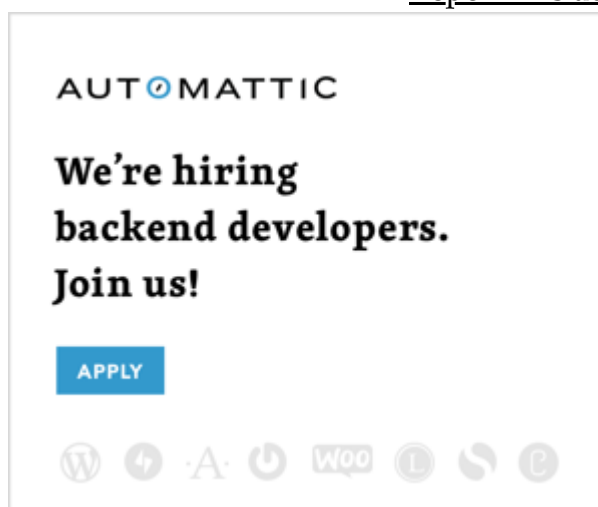
< Na Galeria Olido, ar neon de cine, centro de São Paulo, a iniciativa Cineclube Mulheres Audiovisual (2018) divulgou a produção contemporânea de brasileiras. Haja vista o documentário O que Nos Olha e o curta ficção, Você Ainda Não Está Morta de Ana Johann – que dialogam e pela primeira vez passam em uma sala de cinema convencional. Assistimos, emocionamos, compartilhamos, pensamos e conversamos – cinema é partilha. >

“ Gostou do conteúdo? Curta, siga e comenta incentiva a produção.

“ Gente fervida, faça um cadastro rápido no Apoia.se! e ajude o blog: <https://apoia.se/diogmends> (<https://apoia.se/diogmends>)



[Report this ad](#)



[Report this ad](#)

31 de agosto de 2018 31 de agosto de 2018 · Pontofervura · 1 comentário

Marina Lima inflama em abrangência

[| \(https://pontofervura.wordpress.com/sobre/\)](https://pontofervura.wordpress.com/sobre/) **DIOGO MENDES** [| \(https://pontofervura.wordpress.com/sobre/\)](https://pontofervura.wordpress.com/sobre/) [@diogmends](https://twitter.com/diogmends) [\(https://twitter.com/diogmends\)](https://twitter.com/diogmends)



Arte: Jeferson Lorenzato

A cantora no Brasil que projetou o pop, rock e a fusão destes dois estilos chamado de pop rock é Marina Lima. Sempre ousada trouxe um jeito personalista para MPB ao que refere debate de comportamentos, quanto em própria técnica de música imperada por opulente voz.

Em **Novas Famílias (2018)** permanece o afinco vocal, assim cada faixa do guarânia, samba, tecnobrega, eletrônica e funk – ambas destacam/ conduzem. Organizando-se no mesmo universo em que a preocupação da letra harmônica com melodia continua, agora ainda mais investida.

Trazendo envolvimento de nomes como Silva, Antonio Cicero, Dustan Gallas, Marcelo Jeneci, Letrux, Arthur Kunz, João Brasil, Dustan Gallas, Renato Gonçalves, Rodrigo “Funai” Costa, Carlos Akamine, Zé Nigro, Alejandra Luciani, Florência Saraiva e El Rocha. No que garante diferentes vertentes nestas 8 canções da artista nascida em 1955 no Rio de Janeiro.

Meados dos anos setenta pinça influência, musicalizando o poema “Canção da Alma Caiada” ou “Alma Caiada” do irmão Antonio Cicero, poeta e filósofo. Ainda no ano de 1975, a música foi gravada por Maria Bethânia tendo censura, depois Zizi Possi interessa pelo tema registrando a mesma.



Arte: Jeferson Lorenzato

Novas Famílias título e primeira canção tem assinatura de Marcelo Jeneci, apesar das dificuldades armazena esperança contra o retrocesso conservador das sociedades. Apontando: “ [...] Um carioca acrobata/Não deixa a peteca cair/Jupiter, Kepler, outras galáxias/Dou pra você decidir [...] ”.

Na canção, Juntas Marina Lima contempla o por do sol paulistano, com um quê de exilada da terra natal. Em um aparelhado de prédios cinzas que insistem, a artista vai percebendo como a lua faz prelúdio ao entardecer quente e frio de quem mora na cidade mais populosa do país.

Batidas de pesada eletrônica, Árvores alheias começa irônica ao passo que contesta normas impostas buscando felicidade. Além disso, não deixa de ter domínio do rock and roll, frequente no trabalho da intérprete de Mesmo que seja eu de Erasmo Carlos lançada em Fullgás (1984).

Da parceria com Letrux surge a faixa Mãe Gentil, ainda mantém flerte com o estilo eletrônico. Em técnica e voz, Marina Lima aproxima até mesmo de certo tecnobrega ocasional que se encaixa à proposta, repete refrãos e ganchos indicando o futuro incerto da pátria amada Brasil.

O funk Só Os Coxinhas consiste no centro de gravidade da coletânea – gorduroso e ácido. Gorduroso beira ao incômodo pelo fato da referência do Bonde do Tigrão que fez sucesso com o hit Só As Cachorras, ácido pois além da crítica atual existe válida apropriação calhando em música.

Pandeiro chorando, Climática apresenta ligação com a anterior, porque o samba brasileiro gerou soul, pagode e o funk. Acompanhada de percussão equilibrada, a faixa segue na linha da relação, porém nada démodé já que a personagem da música revela detalhes de um atrito

cotidiano.

É Sexy É Gostoso é uma canção conectada com seu tempo fala da experiência amorosa de maneira vária. A autora de **Maneira de Ser (2012)**, primeiro livro de nome de música de 1979 lançado pela artista versa relações amorosas, na sétima canção do álbum também há este paralelo.

Já em Do Mercosul Marina Lima reconhece atmosfera notívaga, inclusive da primeira até a última faixa pode-se fazer essa leitura; do canto regido diante do anoitecer da cidade de São Paulo. Os metais embalados entre palavras portuguesas e algumas em idioma espanhol cedem miragem.

~ ASSISTA O CLIPE:

Lançada no álbum **Síssi na Sua (2000)**, a canção Pra Começar vem como bônus de **Novas Famílias (2018)** e cutuca o antigo. Disparando em alta e vociferante sensatez, nesta interpretação concentrada em insulto – já que tudo caiu, igual assevera, quem irá colar os tais caquinhos?

Marina Lima inflama em abrangência pelo motivo que transita dentro de vários gêneros e discursos bem elaborados na discografia, também mais recente. Veterana possui o conhecimento do encanto para com um público anterior e sequente sem nenhuma perda da profusão de aprendizagem.

” Gostou do conteúdo? Curta, siga e comenta incentiva a produção.

” Gente fervida, faça um cadastro rápido no Apoia.se! e ajude o blog: <https://apoia.se/diogmends> (<https://apoia.se/diogmends>)

24 de agosto de 201831 de agosto de 2018 · Pontofervura · 1 comentário

A timeline que vislumbra Augusto de Campos

**[| \(https://pontofervura.wordpress.com/sobre/\) DIOGO MENDES |](https://pontofervura.wordpress.com/sobre/)
[\(https://pontofervura.wordpress.com/sobre/\)](https://pontofervura.wordpress.com/sobre/)[@diogmends](https://twitter.com/diogmends)[\(https://twitter.com/diogmends\)](https://twitter.com/diogmends)**



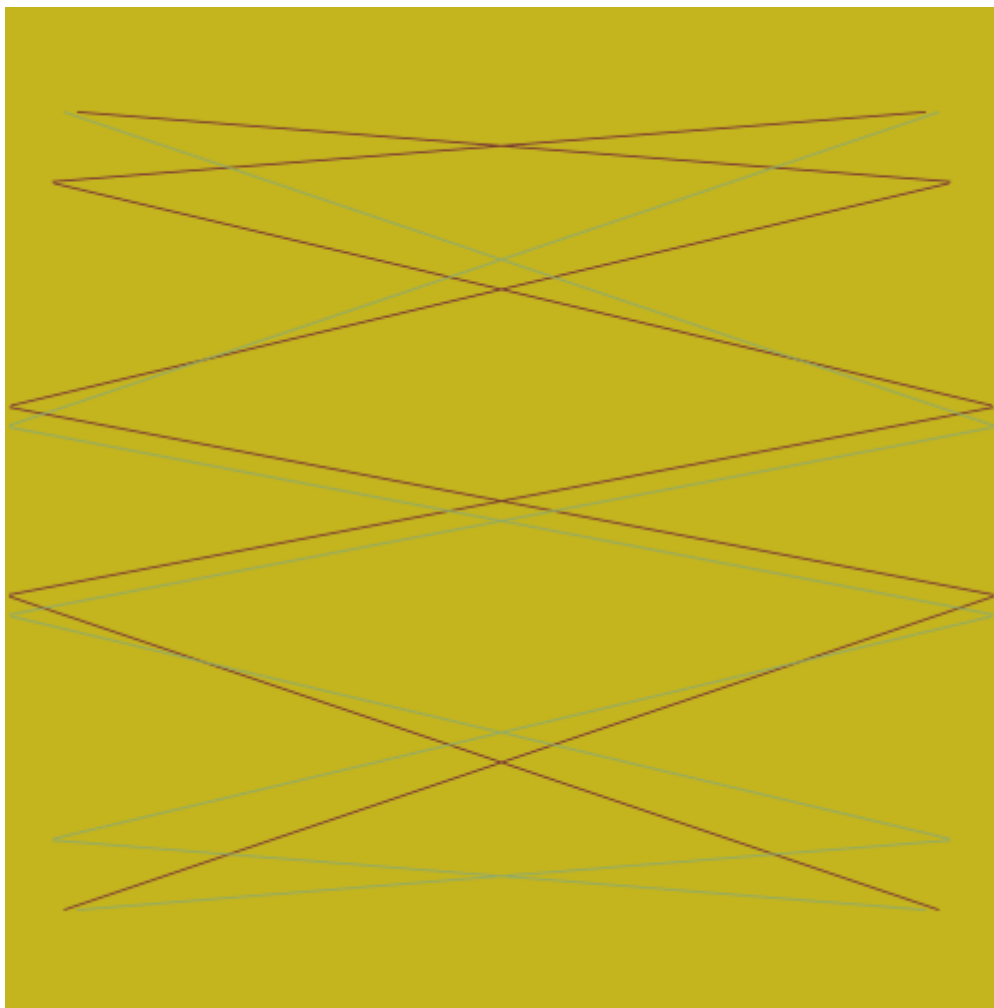
Arte: Jeferson Lorenzato

Ciência de poesia estica um passo e às vezes uma geração a frente. De passo a passo, a poesia vem assimilando o ambiente virtual no que tira e cede – fato, que ainda se estudará muito mais. De geração a geração, existem poetas que impactam períodos, igual Augusto de Campos.

A linguagem de Augusto de Campos entre o radical, imagético e sonoro de modo majoritário discorre com suportes fora do meio livro. Esbanja e vivencia, agora, através da conta no Instagram (@poetamenos (<https://www.instagram.com/poetamenos/>)) material antigo, recente, alguns inéditos confirmando e retratando atualidade.

Do **Plano-Piloto para Poesia Concreta (1958)** assinado pelo mesmo, Haroldo de Campos e Décio Pignatari bastante aconteceu. No campo da produção e pesquisa de poesia, por exemplo; nomes brasileiros voltam à tona como Sousândrade e Cruz e Souza, estrangeiros e. e. cummings e Vladimir Maiakovski.

Augusto de Campos também emboca no estudo crítico e tradução, talvez para encontro de algumas enumerações dos próprios questionamentos de artista. Por consequência, repercute em sua produção poética rivalizando ao analógico do poema derivado do ciclo histórico do verso.



Arte: Jeferson Lorenzato

Rival, a primeira publicação na rede que faz referência de uma câmera polaroide do poeta nascido em São Paulo em 1931 apresenta o poema sos (1983) de **despoesia**. Em que se destaca verbivocovisual, colocando em níveis distintos o texto e imagem, assim interfere na leitura de quem lê.

Logo surge desumano (2004) de **Outro** e meditação da falta de aprendizado do ser humano consigo. O tradutor de Emily Dickinson descentraliza o corpo deste poema, há paralelo com **Calligrammes (1918)** de Guilherme Apollinaire visto que a seta moldura imagem cortante.

Fotos de arquivo pessoal e retratos para publicações dividem espaço com sua produção mais aproximada ao meme. Conforme a publicação, o Contrapoema – ABAPORAMA ai que saudade eu tenho de Brasília (democrática) traz a foto de Dilma Rousseff, Barack Obama e Michelle Obama que pousam junto do quadro **Abaporu (1928)** de Tarsila do Amaral.

Sem perca da acidez, Augusto de Campos emenda com o poema SEXTILHA FANOMELOGOPAICA em–aica e em–aico que faz exame da derrocada democrática do país e no mundo. Do mesmo modo, emprega a teoria das cores em um esquema de superfície dimensional.

O cachorro de coleira vermelha não apenas escava no Contrapoema: CAVE MIDiA\$ fulmina que vem ocorrendo com modelo anterior de comunicar-se indisposto a modernização – de paulatina virou eminente. Ademais, o animal tanto fuça, pouco consegue sustento por ser oco.

CONTRAPOEMA: O SUPERTETO oferece crítica de como o recurso financeiro brasileiro não é repassado de forma razoável. Expandi, inclusive, o poema já que usa do campo visual na simbologia do guarda-chuva aberto e letras que formam palavras mencionando sobre cargos públicos.

Passando indicações da contemporaneidade, o CONTRAPOEMA: O ALIENISTA 2018 (intradução de Machado de Assis) desencadeia a sensação de desabamento. As palavras dispostas são eu, exemplo e prática à medida que embolsam grafias, assim advertem trovoadas do contra.

Um fragmento de vídeo Augusto de Campos lê James Joyce, salvaguardado por certa estante de livros. Disponibilizadas acentuam animações como de Nãopoema e gravações, a exemplo leitura de lygia fingers que recebe comentários de seguidores de teses acadêmicas até emoticons.

~ VERSÃO ANIMADA DE NÃOPOEMA:

Estreitando relação do público e a figura do poeta, com frequência o perfil é atualizado. Caso o eletrônico altera todas interações nem seria dispare nessa circunstância, *desplacebo* (1997) de **Nãopoema**: “[...] ouvir as pedras/quebrar os espelhos/até o último round/o último suspiro [...]”.

A timeline que vislumbra Augusto de Campos corrobora o futuro sempre permaneceu incerto, enquanto a poesia revolta-se. Geração a geração, passo a passo, a comunicação poética fundiu com o cibernético. Eis manejo em meio a linha e o tempo, ora o tempo e a linha.

**

“ Gostou do conteúdo? Curta, siga e comenta incentiva a produção.

“ Gente fervida, faça um cadastro rápido no Apoia.se! e ajude o blog: <https://apoia.se/diogmends> (<https://apoia.se/diogmends>).

17 de agosto de 2018 17 de agosto de 2018 · Pontofervura · 1 comentário

Mauro Senise empossa o instrumental

| <https://pontofervura.wordpress.com/sobre/> **DIOGO MENDES** |
(<https://pontofervura.wordpress.com/sobre/>)([@diogmends](https://twitter.com/diogmends))(<https://twitter.com/diogmends>).



Arte: Jeferson Lorenzato

Apreciar o saxofone exige dedicação, e manejá-lo, para um espetáculo também. Depois de sua patente por Adolphe Sax, apareceram incontáveis artistas que consagraram o instrumento, inclusive em estúdios, mas poucos nomes semelhantes ao brasileiro Mauro Senise.

Em primeiro álbum solo, **Mauro Senise (1988)** traz afinidade diligente com sax e flauta, assim como os arranjos musicais. Na preparação equilibra a técnica que transforma, buscando atrativo perto do público além de versões próprias, logo resulta em uma seleção estabilizada.

As facetas do saxofonista e arranjador já estão mais que marcadas neste período, igual do flautista. Todas na procura da rítmica mais extasiante, pois o aluno de flauta clássica de Odette Ernest Dias e sax de Paulo Moura, essenciais na formação do artista, tinha como meta a carreira de solista.

Trabalhos ao lado de artistas como Hermeto Pascoal, Egberto Gismonti, Wagner Tiso e Luiz Eça trouxeram ainda mais vivências. Além disso, o saxofonista nascido no Rio de Janeiro em 1950 tem participação em incontáveis álbuns da MPB, iguais projetos envolvidos com inúmeros estilos musicais.



Arte: Jeferson Lorenzato

De 9 composições o álbum inicia com uma versão instrumental da música, Maria Três Filhos de Milton Nascimento que conserva a grandiloquência da original. O piano de Hugo Fattoruso, bateria de Robertinho Silva e baixo acústico de Luiz Alves são mais do que manejados, porém alocados dentro da faixa.

Na primeira minutagem da música Saguin é possível perceber a assinatura de Toninho Horta. O sax alto de Mauro Senise apresenta respaldo com os demais instrumentos que auxiliam na trajetória da canção, apesar da densidade principiante vai ganhando contorno próximo do agradável.

Tudo Ou Nada aparece Rique Pantoja, primeiro pianista da banda Cama de Gato, projeto paralelo que Mauro Senise faz parte. O tema consiste em um transbordamento do saxofone sem esquecer dos instrumentos que cedem destaque, por exemplo a presença da bateria e percussão de Robertinho Silva.

Carrega por si só sentido de urgência, Tristeza de Nós Dois de Durval Ferreira, Maurício Einhorn e Bebeto. Porque não, baixo acústico de Luiz Alves e Luiz Eça no piano com entrosamento que gerou de modo possível a espontaneidade de um take para gravação da faixa mais comovente.

Pouco faltaria a perícia em flauta na música, Stc Pm de composição do uruguaio Hugo Fattoruso. Opção sagaz de Mauro Senise, a escolha de um tema que tivesse a nuance da flauta como um instrumento que agregue ao álbum sem tirar o foco do saxofone – ou seja, fuga da distorção.

Impetuosa e atual, Mania de Hugo Fattoruso consiste na preciosidade da coletânea não chega capitanear as canções por outro lado encanta. Zeca Assumpção toca o baixo elétrico com execução que cativa até os ouvidos mais destreinados, respeitando a notabilidade do saxofone soprano.

Weekend, único título inglês, de Luiz Eça suinga pouco caindo em um estilo usual e apresenta as percussões afinadas de Ronaldo Silva e Vanderlei Silva. Além disso, o instrumento piccolo e o piano elétrico lidam com uma simultaneidade característica e contribui para a importância deste álbum.

Aniversariantes na mesma data Jaques Morelenbaum e Mauro Senise compuseram a música 18 De Maio, elaborando um faixa reflexiva e que determina ligação profunda com quem contempla. O violoncelo e sax alto não são apenas dupla, mas um ensinamento da duração do tempo/ vida.

Hermeto Pascoal surge como compositor de É Nossa E Ninguém Tasca junto com próprio Mauro Senise, Zeca Assumpção e Robertinho Silva. Embora haja atmosfera do artista de Alagoas é possível identificar parceria variada que derivou uma peça coesa com a coleção.

~ ESCUTE 18 DE MAIO:

Durante o álbum fica proeminente o uso harmônico da família do saxofone, que é extensa. Indo do soprano, alto e tenor, com momento mais elevado quando o soprano tem de modo cirúrgico o uso; além das incursões da flauta que não fica invadida na ordem e feitura das faixas.

Mauro Senise empossa o instrumental justo por saber a técnica ao passo que não deixa de reserva a expressão em música. Reuni repertório aguçado e provocativo mesmo para quem tenha falta de hábito de ouvir instrumentos, arranjando com leveza para soprar em ferramenta dizeres.

“ Gostou do conteúdo? Curta, siga e comenta incentiva a produção.

“ Gente fervida, faça um cadastro rápido no Apoia.se! e ajude o blog: <https://apoia.se/diogmends> (<https://apoia.se/diogmends>)

Floresta queixa em Ex-Pajé

<https://pontofervura.wordpress.com/sobre/> **DIOGO MENDES** <https://pontofervura.wordpress.com/sobre/> ([@diogmends](https://twitter.com/diogmends)) (<https://twitter.com/diogmends>)



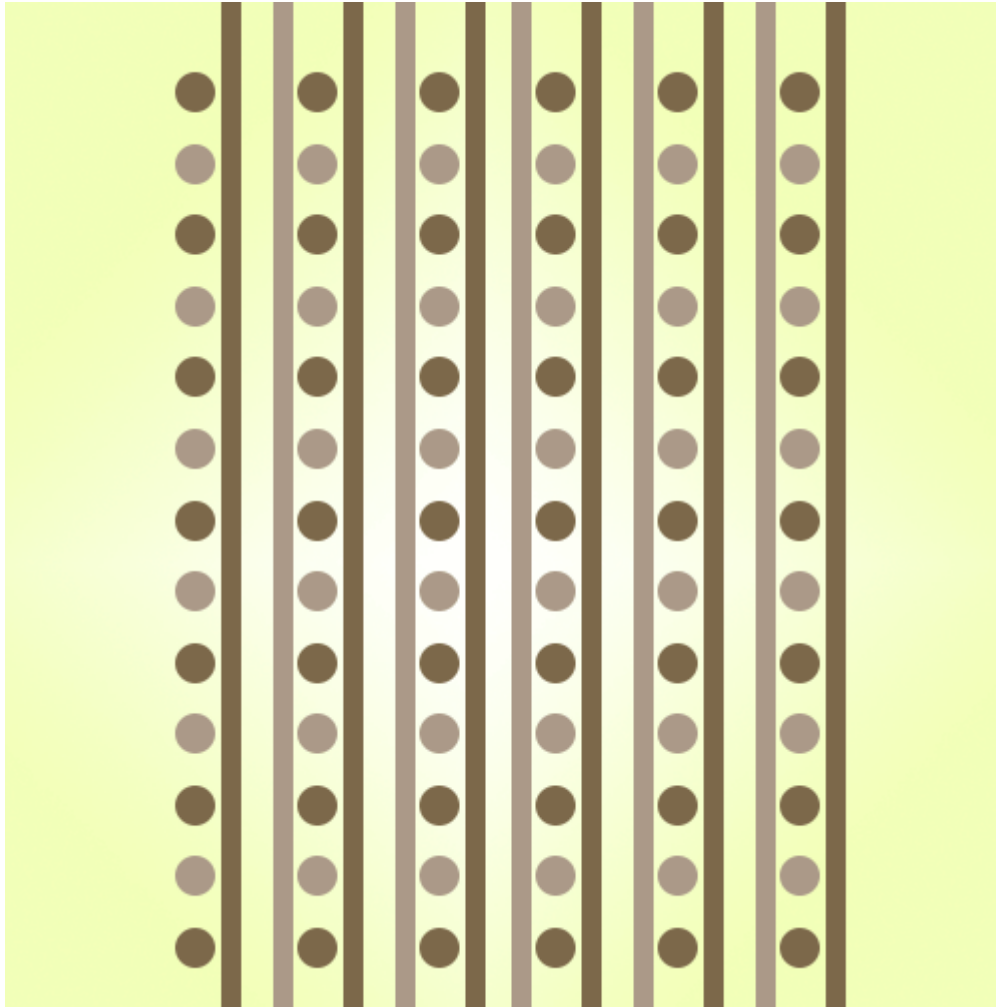
Arte: Jeferson Lorenzato

Predação de branco. Pesquisa de branco. Doença de branco. Arquitetura de branco. Vestimenta de branco. Alimentação de branco. Agricultura de branco. Armamento de branco. Medicina de branco. Tecnologia de branco. Língua de branco. Religião de branco. Medo de branco.

O documentário **Ex-Pajé (2018)** de Luiz Bolognesi mostra o desmantelamento do povo da reserva de Paiter Suruí localizada em Rondônia/ Mato Grosso através do etnocídio e intolerância religiosa. Prevalece a visão indígena, no caso do personagem principal Perpera Suruí, assim tornando-se registro irretocável.

A direção, roteiro e produção de Luiz Bolognesi atreladas com edição de Ricardo Farias, cinematografia de Pedro J. Marquez e produção de Laís Bodanzky estão entrosadas com a narrativa visual. Ofertam, sobretudo, aos personagens fazerem capturas de imagens deixando mais fidedigno.

Um mês de filmagem, Perpera Suruí testemunha a cada quadro o fim de sua cosmologia. A equipe se vale das estratégias de flagrar situações, e recriando, cenas acontecidas algum tempo anterior à medida que inicia com contato oficial de 1969 e concentra na atual cooptação.



Arte: Jeferson Lorenzato

Antes a figura do pajé era elevada, de ligação irrestrita ao sublime. Concentrava os cargos de líder religioso, cientista, mago, educador, médico, psicólogo – há às vezes confusão, que todas as funções de uma aldeia fiquem a discernimento do cacique, mas cada povo tem sua hierarquia.

Hierarquia desfeita, o pajé em uma das cenas pega carona com moradores da tribo para trocar gás na cidade. Além disso, seu idioma do grupo Tupi e da família linguística Mondé é desconsiderado pela população que precisa de estruturas para fazer escambos comerciais e financeiros.

Resistente como Perpera, uma oca (moradia indígena) permanece em meio as casas de madeira da comunidade. Entre o expositivo, poético e reflexo gravita a presença do pajé, partes emocionantes representantes daquele fato e relação estabelecia com o grupo filmado.

Muitas das cenas, o “ex-pajé”, título assim como a situação emblemática, teve que contentar-se em ser espécie de funcionário de uma igreja evangélica. Além da personificação do indígena que mais de 500 anos passa por violências, o relato abre margem que linha fundamentalista usa da injúria progressiva.

Apesar de hoje a aldeia estar envolvida com a industrialização existem alguns resquícios que não foram subjugados por meio das intolerâncias. Comem cará e tucumã, carne de macaco e peixes – embora, perceba que a geração mais nova queira comer batata frita e viver com celular em mãos.

Na agricultura os instrumentos são fabricados, quando as mulheres praticam colheita. Deixam de lado o arco e flecha, os homens que defendem de outro modo o território das ameaças locais, também acessam as redes sociais para denunciarem agressões econômicas que enfrentam.

Sem reclamação furtiva, **Ex-Pajé** não coloca os índios estereotipados e muitos menos alheios a outra sociedade que tenta impor sua estrutura. A maioria desse povo aceita o processo de assimilação destas formas comportamentais, existenciais, tecnológicas e religiosas.

~ ASSISTA O TRAILER:

Evoca-se, de repente, a Flauta do Hoeyateim por algumas pessoas da aldeia que constrangidas buscam ciência e mágica da liderança anterior. A beleza da obra absorve ligação ímpar do Perpera com a natureza, e os espíritos da floresta que não deixam ter um sono tranquilo, apenas de luz acessa.

Floresta queixa em Ex-Pajé, pois exhibe que líderes religiosos estão sendo afastados do seu povo e pajelança, por consequência depostos através de uma crescente perseguição religiosa. Melancólico e ressentido, Perpera aparece várias vezes guardando a igreja, ou será, a natureza?

★★

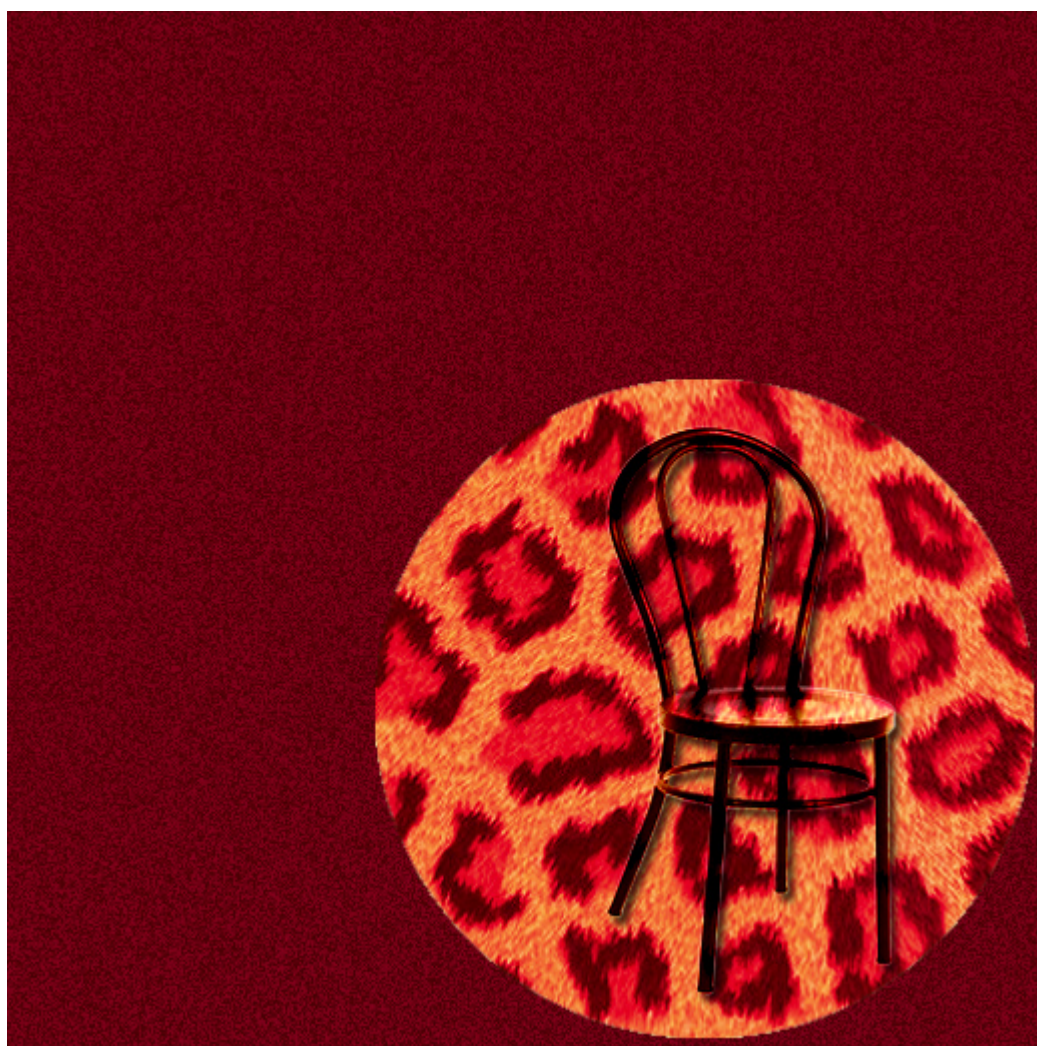
“ Gostou do conteúdo? Curta, siga e comenta incentiva a produção.

“ Gente fervida, faça um cadastro rápido no Apoia.se! e ajude o blog: <https://apoia.se/diogmends> (<https://apoia.se/diogmends>)

27 de julho de 2018 1 de agosto de 2018 · Pontofervura · Deixe um comentário

Edy Star acerta as contas

| (<https://pontofervura.wordpress.com/sobre/>) **DIOGO MENDES** |
(<https://pontofervura.wordpress.com/sobre/>)([@diogmends](https://twitter.com/diogmends))(<https://twitter.com/diogmends>)



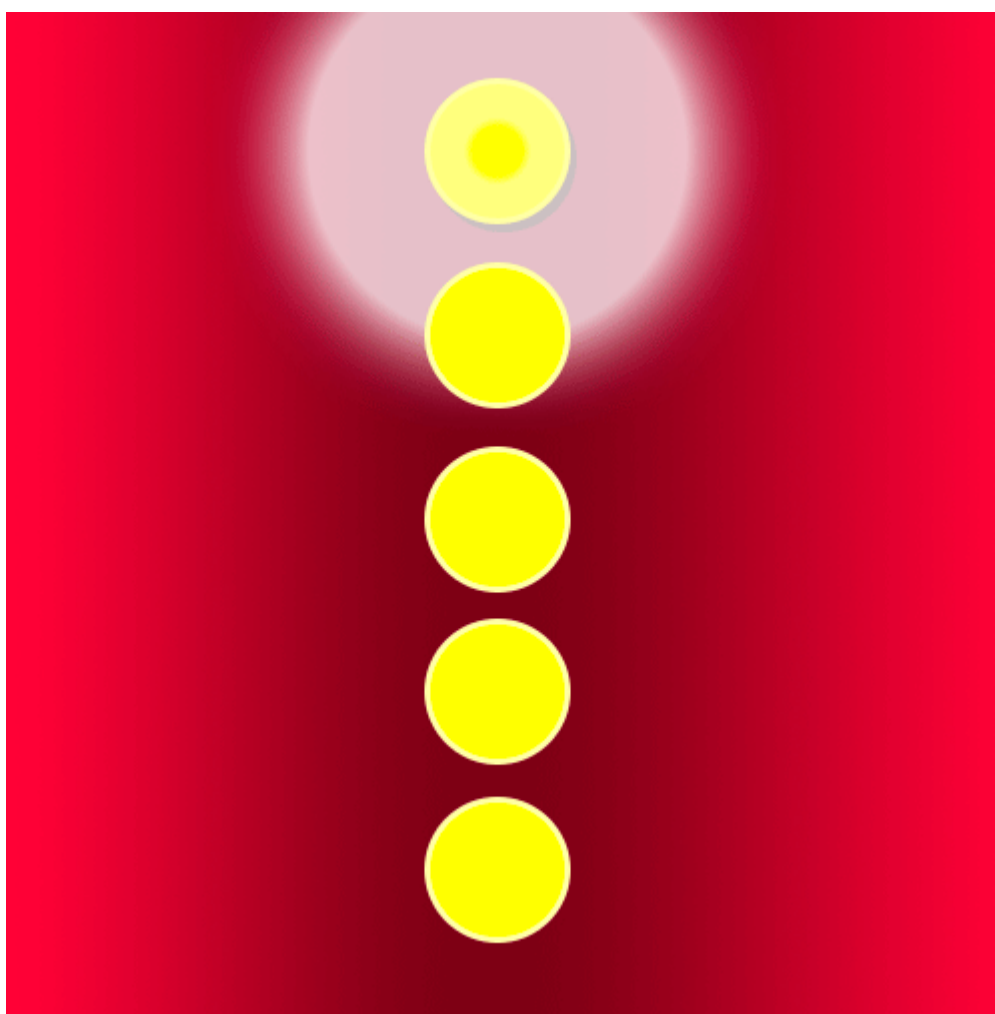
Arte: Jeferson Lorenzato

Glam sempre é mais nas artes do cantor, ator, dançarino, produtor de teatro e artista plástico Edy Star. As energias, isto posto, vindas dessas rupturas comportamentais transferem sua música e performance em apresentação que unifica contemplativo e teatralidade.

Nos álbuns, **Sweet Edy (1974)** e **Cabaré Star (2017)** encontram-se ousadia e permanência. Cara dos anos setenta com maciças características, enquanto o mais recente também investe na noção retocada do que evita convencional – ambos apresentam atitude comprometida à música.

Sweet Edy, da década de setenta, inicia com letra de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, Claustrofobia de contundência e outros rumos sonoros. Depois, **Cabaré Star** esfolta com a potente Eu Fiz Pior de composição de Lula Côrtes com jeito Rock And Roll. As duas esbanjam vitalidade sem quaisquer datas.

2017, O Que Será De Nós? de composição de Sérgio Sampaio, Edy Star traz um lado mais meditativo sem a perda daquela conhecida acidez, perguntando com frequência quem lembrará? Edyth Cooper de Gilberto Gil apresenta arranjos certos, sobretudo teclados.



Arte: Jeferson Lorenzato

O Conteúdo de Caetano Veloso, nos idos dos anos setenta, apenas comprova que um dos seus mais ardis intérpretes é Edy Star além da reflexão a respeito da fama. A música Procissão de Gilberto Gil e Edy Star cantada pela verve do artista nascido Juazeiro, Bahia possui todo tom crucial.

Já a Se O Cantor Calar de Zé Rodrix e Maria Lúcia Viana oferece participação de Caetano Veloso interpretando junto do próprio Edy Star em que se explana a missão do canto. Convencida e irônica, a canção Superestrela de Leno se encaixa muito com o período da ebulição para ser

famoso.

Dor de cotovelo e paixão por seus compositores das primeiras décadas de XX não é amenizada em Edy Star, assim aparece Esses Moços de Lupicínio Rodrigues. A seguir chega a também emocionante versão de Y'a de la Rumba Dans L'air, A Vida É Um Cabaré parceria de Edy Star e Zeca Baleiro.

Peba Na Pimenta de João do Vale, José Batista e Adelino Rivera tem participação de Ney Matogrosso e talvez seja uma das músicas de mais duplo sentido da seleção. Enquanto Boogie Woogie do Rato de Denis Brean alça mais no cerebral, ainda pouco deixa a veia, melhor o sistema nervoso do humor.

Nome do álbum setentista, **Sweet Edy** de Renato Piau e Sérgio Natureza foi composta para Edy Star, na interpretação de voz avolumada se fantasia de bombom de cereja e cerveja. Empetecada em tango a música, Dezesete Vezes de Zeca Baleiro com participação de Ângela Maria persiste na sensualidade.

Rock' N' Roll É Fodaço de composição e interpretação do próprio artista apreciador de tango surge com postura vindoura, comprovando pelo abecedário pioneirismo do mesmo. Ainda como compositor e intérprete, Brigue com Ela fala dos encontros e desencontros provocados através das relações.

Jorge Mautner assina Olhos de Raposa que ganha vivência muito particular na interpretação de Edy Star, aludindo: “ [...] É o animal que me abraça/É o animal que me beijou [...] ”. Perdi O Medo de Odair José tem participação de Felipe Catto e constitui uma das músicas que mais tem ginga.

Logo, Você É Seu Melhor Amigo de Miriam Batucada acompanhada de piano volta para o pensamento de ser e o estar no mundo. Getúlio Cortes compôs Coração Embalsamado que de tão galhofa – proposital – na introdução se torna indispensável dentro do gancho ao ritmo do rock.

Pro Que Der Na Telha de Moraes Moreira e Galvão quase é psicodélica, senão fosse o canto teatral e inconfundível de Edy Star. Outrossim, a homenagem ao teatro com a música Merda de Caetano Veloso impera em **Cabaré Star**: “ [...] Noite de estreia, tensão/Medo, deslumbramento [...] ”.

De letra do Herivelto Martins, Ave Maria No Morro tem parceria de Emílio Santiago e consiste em uma das partes mais emocionantes da coleção, ao mesmo modo sincronia ímpar da dupla. A faixa Bem Entendido de Renato Piau e Sérgio Natureza, por sua vez fica no caustico e não diminui notória atualidade.

~ ASSISTA AO VIVO DE EDY STAR E EMÍLIO SANTIAGO:

Malcriada apresentação no fim do encontro, Eu Sou Edy Star contém composição e canto do mesmo. A voz de Raul Seixas aparece comentando sobre clássico álbum Sociedade da Grã-Ordem Kavernista Apresenta Sessão das 10, seguida da substancial, O Crivo de Waldir Serrão e Maurício Almeida.

Edy Star acerta as contas no âmbito da arte musical ao elaborar os álbuns **Sweet Edy** e **Cabaré Star** de quilates soberbos à medida que nortearam outras gerações envolvidas com música. Primeiro doce, segundo inebriante, e as terceiras intensões permanecem terceiras.

“ Gostou do conteúdo? Curta, siga e comenta incentiva a produção.

“ Gente fervida, faça um cadastro rápido no Apoia.se! e ajude o blog: <https://apoia.se/diogmends> (<https://apoia.se/diogmends>)

O legado que estende Maria Auxiliadora

[\(https://pontofervura.wordpress.com/sobre/\)](https://pontofervura.wordpress.com/sobre/) **DIOGO MENDES** [@diogmends](https://pontofervura.wordpress.com/sobre/) [/diogmends](https://twitter.com/diogmends)



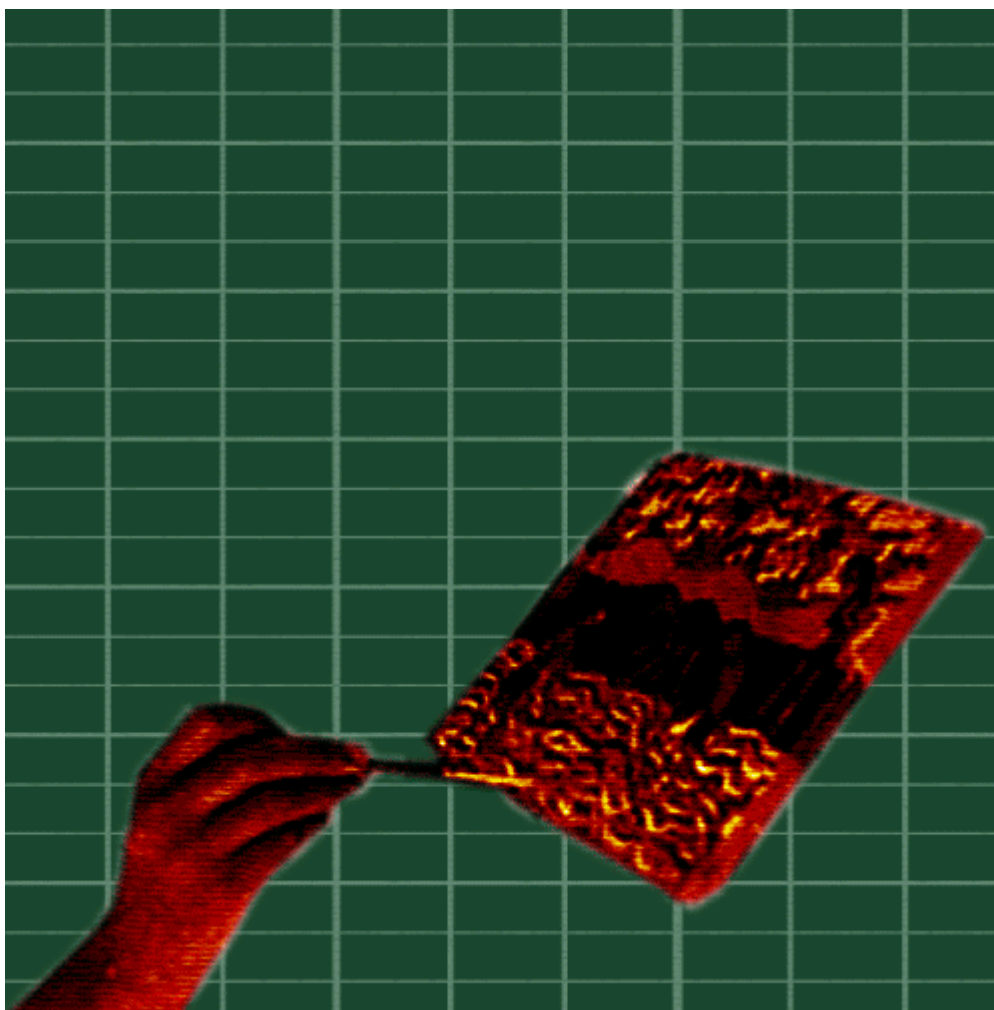
Arte: Jeferson Lorenzato

Coragem, renúncia e autodidatismo guiaram a vida de Maria Auxiliadora. Corajosa por lutar contra um câncer generalizado até o último segundo, precursora do body art colocando partes de cabelos nos quadros que pintava e autodidata porque sua arte ultrapassava rótulos.

A pintora Maria Auxiliadora produziu uma obra que assimilou brutalidade e cotidiano dentro do desenvolvimento e feitura de técnica própria. É, também, uma das primeiras artistas brasileiras a colocar negritude como assunto preponderante fora do círculo considerado acadêmico.

Radicada em São Paulo veio acompanhada da família em busca de oportunidade, nasceu em 1935 na cidade Campo Belo, Minas Gerais. Achou e sobreviveu, assim como teve nos últimos anos de vida relação com grupos de artistas ligados a Militância Negra, igual o teatrólogo e poeta Solano Trindade.

Dentre o social e metafísico concentra boa parcela das obras de Maria Auxiliadora. Logo mostrando determinada faceta do Brasil, no social compreende telas que retratam união das raças e senso de coletividade já a moldura do metafísico fica com o falecimento e espiritualidade.



Arte: Jeferson Lorenzato

Chuva sobre São Paulo (1971), os personagens retratados estão olhando para uma direção específica da tela. No caráter social, a maioria das pessoas que estão desabrigadas da chuva são negras, embora existam aquelas de pele branca comprando jornais para à princípio se protegerem da água.

No quadro **Ateliê da artista e família (1973)** de matizes de cores quentes, o escambo deixa de ser braçal e vira arte. Família de artistas, o contato de Maria Auxiliadora veio cedo com a pintura e neste quadro um casal de pele branca e uma criança estão adquirindo arte em autorretrato.

Mobral (1971) uma lousa possui divisão por dois professores, percebendo na bandeira do Brasil, o professor negro que leciona matéria exata e a professora branca, estandarte de São Paulo passa alguma disciplina humana. Salvaguardados por duas telas, uma do sócia de Tiradentes e outra de divindades afros.

O quadro sem título (Candomblé, 1968) constitui a materialização do olhar do sagrado da artista. Em que a cena da religião afro mostra-se com toda sua pompa, enquanto as figuras desvendam algumas das personalidades e particularidades assistindo aquele encontro.

Expressão cultural brasileira que mistura arte marcial, esporte e música está presente no quadro Capoeira (1970). A coletividade da capoeira aparece unificada ao próprio Candomblé, aplicando liberdade, camaradagem, alegria, espontaneidade e sensualidade – elementos característicos.

Velório da noiva (1974) foi realizado no ano da morte da pintora e ratifica uma relação difusa com a morte em técnica. As cores escolhidas por Maria Auxiliadora são as opostas das tonalidades frias, porém quentes, quase explosivas, um antagonismo forte com o episódio de morrer.

~ ASSISTA:

Mesmo que enquadrada à pintura primitivista no curto tempo de vasta produção de quadros. A pintora convivia com arte, porém apenas começou a exercer mais no fim da vida de quatro décadas incompletas tendo vários empregos operacionais, igual os artistas de sua família de 18 irmãos.

O legado que estende Maria Auxiliadora comprova que expressão e atividade artística, inúmeras vezes não liga-se a nenhuma técnica, apesar do teórico definir um modo de elaboração. A pintora que vendia quadros pelo tempo que fabricava, e não por centímetro, desponta novidade de hoje.

“ Gostou do conteúdo? Curta, siga e comenta incentiva a produção.

“ Gente fervida, faça um cadastro rápido no Apoia.se! e ajude o blog: <https://apoia.se/diogmends> (<https://apoia.se/diogmends>)

13 de julho de 201813 de julho de 2018 · Pontofervura · Deixe um comentário